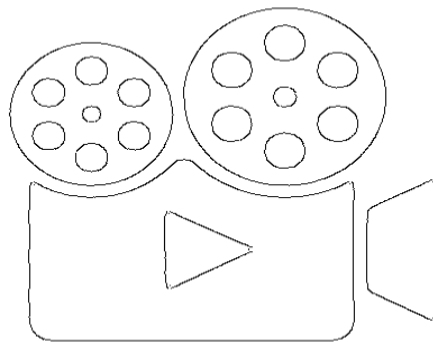


O idadismo no cinema na perspectiva dos 60+

Pedro Cella Kurobe

Beltrina Côrte



Introdução

O início desta pesquisa se deu pelo interesse em articular temáticas da psicologia social e estudos midiáticos, tendo realizado anteriormente, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, uma pesquisa abordando as representações sociais da homossexualidade masculina no cinema, tanto nacional quanto internacional. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção da população 60 mais da representação da velhice no cinema, e procurar entender melhor de que maneira o idadismo se apresenta nesta mídia.

Usado pela primeira vez em 1969 por Robert N. Butler em seu artigo “*Age-ism: Another Form of Bigotry*”, o termo idadismo (ou ageism) se refere às diversas formas de preconceitos e estereótipos negativos desenvolvidos frente a um determinado segmento populacional com base na idade avançada de seus membros (MILNER; NORMAN; MILNER, 2012). Diferentemente de outras formas de discriminação por idade, que podem afetar, por exemplo, crianças e adolescentes, o idadismo se refere às discriminações sofridas por idosos (ou seja, pessoas com 60 anos ou mais) e ao próprio processo de envelhecimento como um todo (ROZENDO, 2016).

Segundo o autor, pode-se elencar três aspectos chaves ao idadismo e suas diferentes práticas: a primeira é a tomada de atitudes discriminatórias (sejam elas feitas de maneira intencional ou não) contra a população idosa e ao próprio processo de envelhecimento, atitudes as quais podem ser inclusive incorporadas e reproduzidas pelo próprios membros desta população; a segunda se refere a discriminação aos possíveis papéis sociais que o idoso pode vir a exercer, em especial no que se refere no campo da empregabilidade; e em terceiro, temos as práticas/políticas

institucionais, que ao se alinhar a estas visões discriminatórias, acabam por limitar as oportunidades desta população de exercer certas atividades (BUTLER, 1980). Assim, pode-se elencar três modalidades ligadas à prática do idadismo: pessoal (crenças e sentimentos individuais), cultural (preconceitos e estereótipos negativos) e estrutural (em especial no que diz respeito a limitações de participação econômica e assistência médica) (SOUZA; LODOVICI; SILVEIRA; ARANTES, 2014).

Quanto aos fatores que levaram ao desenvolvimento do idadismo e suas práticas como as conhecemos hoje no ocidente, pode-se elencar dois fatores principais. Por um lado, tem-se o fator histórico/econômico, em especial no que se diz respeito às transformações proporcionadas pela revolução industrial do século XVIII: com a implantação de sistemas automatizados de produção como o Taylorismo, os mais velhos acabam por perder o seu papel de transmissores das técnicas de produção e de autoridade no núcleo familiar, fazendo com que ficassem sem um papel específico a ser desempenhado nesta nova sociedade (ROZENDO, 2016). Esta perda de espaço seria mais acentuada com a "cronologização" das diferentes etapas da vida durante esta consolidação do sistema capitalista -, assim, enquanto que para as crianças e jovens era designado a escola e educação, ao adulto o trabalho e a formação de famílias, ao idoso nada era reservado ou esperado (SOUZA; LODOVICI; SILVEIRA; ARANTES, 2014).

Como segundo fator, tem-se os diversos fatores subjetivos ligados ao processo de envelhecimento, incluindo fantasias e ansiedades, tendo-se a figura do idoso como constante lembrete desta finitude e mortalidade que aguarda a todos os indivíduos (CASTRO, 2016). Assim, observa-se, principalmente com a população mais jovem, aquilo que Jeff Greenberg, Sheldon Solomon e Tom Pyszczynski denominam de "Teoria da Gestão do Terror": uma tentativa de distanciar-se deste temor pelo envelhecimento e da morte (chegando até mesmo a tentar negar-lhes para si mesmo) por meio de atitudes negativas e ridicularizantes com os mais velhos (GATLING, 2013).

Entre as diferentes formas de propagação destes preconceitos ligados ao idadismo na sociedade atual, temos os meios de comunicação midiáticos, sendo de especial interesse deste estudo as produções cinematográficas. Nestas produções (tanto ao que se refere às nacionais quanto internacionais, em especial ao que se refere às produções hollywoodianas), pode-se elencar quatro elementos marcantes.

Em um primeiro momento, observa-se a sub-representação da personagem do idoso nas narrativas cinematográficas. Como exemplo, pode-se evocar a pesquisa da professora Stacy Smith¹, da Universidade do Sul da Califórnia, onde foi analisado de que forma as personagens idosas (60 anos ou mais) foram apresentadas e desenvolvidas nos 100 filmes mais lucrativos estreados no ano de 2015. Ao final da pesquisa, foi possível concluir que, entre as incontáveis personagens presentes nas narrativas destes 100 filmes, apenas 11% delas pertenciam a faixa etária de 60 anos ou mais. Como dado de comparação, no ano de 2016, 18,5% da população norte-americana pertencia a esta faixa etária (SMITH, 2016).

¹ Disponível em: <https://news.usc.edu/107371/usc-annenberg-film-study-examines-stereotypes-of-aging-americans/>. Recuperado em 30 de abril, 2021.

Em um segundo momento, temos uso extensivo de estereótipos, tanto negativos quanto positivos, para caracterizar esta população, principalmente ao que se refere a aspectos físicos (por exemplo, rugas e posturas curvadas, o uso de adereços como bengalas e aparelhos auditivos) e de personalidade. Entre algumas das funções dos estereótipos, está a chamada "eficiência cognitiva", em que, visando diminuir a complexidade do mundo, os indivíduos tendem a simplificar seu entendimento de diferentes grupos sociais (em especial aqueles aos quais não são membros) por meio de determinadas características e crenças, que são atribuídas aos seus membros (UMPHREY; ROBINSON, 2007).

Para se ter o escopo e velocidade com que estes estereótipos se propagam e são aceitos pelos indivíduos, pesquisas apontam que desde os seis anos de idade as crianças já começam a incorporar e repetir estes estereótipos negativos por meio de seu contato com indivíduos idosos e com a mídia de massa, como a televisão (BENNETT; GAINES, 2010 e MILNER; NORMAN; MILNER, 2012), sendo bastante ilustrativa nesse caso a pesquisa de Falchikov (1990, *apud* por ROBINSON; CALLISTER; MAGOFFIN; MOORE, 2006), em que, ao se analisar o desenho de crianças de pessoas mais velhas, foi possível observar a forte presença de elementos como óculos, bengalas, cadeiras de roda e aparelhos auditivos para caracterizar estes indivíduos.

Em um terceiro momento, observa-se uma certa polaridade quanto ao processo de envelhecimento presente nestas produções: por um lado está o dito "bom envelhecimento", ligada aos valores de jovialidade, saúde e independência (em especial a econômica); por outro lado, o "mal envelhecimento" estaria ligado ao declínio, doença e dependência familiar e a programas sociais (MILNER; NORMAN; MILNER, 2012). Para autoras como Laura Hurd Clarke (MENDONÇA; CASTRO, 2016), estas visões distorcidas sobre o envelhecimento impactam principalmente as mulheres, uma vez que estas tendem a viver mais tempo que os homens e possuem uma relação mais intensa com os padrões de beleza vigentes.

Em um quarto momento, é perceptível uma mudança nos papéis ocupacionais que estes idosos se apropriam ao longo de suas vidas nestas narrativas, em especial, no que diz respeito a uma transição de papéis ditos "ativos" (trabalhador, cuidador) para os "passivos" (aposentado, cuidado). Esta transição de papéis normalmente acaba sendo retratada de uma maneira negativa, fazendo com que os idosos nesta fase da vida sejam caracterizados como solitários, rabugentos, tímidos, introspectivos e pouco abertos para mudanças/transformações (SANTANA; BELCHIOR, 2013).

Os Malefícios do Idadismo

O idadismo e suas diferentes formas de propagação trazem uma série de malefícios para a população idosa. No "*Global Report in Ageism*" (2021), são apresentadas algumas práticas institucionais com viés ageístas que levam a uma pior qualidade de vida deste segmento populacional, como a exclusão de pessoas idosas nas pesquisas e monitoramento de DSTs e a não realização de testes clínicos com populações mais velhas para determinadas medicações, levando a falta de informações adequadas quanto ao seu uso. Estes diversos estereótipos e preconceitos, além de serem propagados pela sociedade que os rodeiam, podem ser

também reproduzidos e incorporados por esta população idosa estigmatizada, gerando uma série de efeitos preocupantes.

Na pesquisa *“Believing What You Hear: The Impact of Aging Stereotypes upon the Old”* de Teri Bennett e Jean Gaines (2010), são investigadas quatro hipóteses referentes às formas com que estes preconceitos ligados ao idadismo impactam esta população e sua percepção do momento da vida em que se encontram, sendo elas:

- 1) “Hipótese da ameaça do estereótipo”, em que a pessoa idosa passa a apresentar uma série de receios pelo fato de seus comportamentos e vivências individuais se alinharem com determinados estereótipos negativos, reforçando-os para si;
- 2) “Hipótese da comparação”, em que a pessoa idosa rejeita estes estereótipos negativos para si, mas os acaba identificando em outros companheiros de sua faixa etária;
- 3) “Hipótese da externalização”, em que a pessoa idosa passa a ver suas questões e problemas como sendo coisas esperadas para a sua idade, de certa forma reduzindo suas expectativas para o envelhecimento com base nos estereótipos que ouviu ao longo da vida; e
- 4) “Hipótese da internalização”, em que a pessoa idosa ao incorporar estes diversos estereótipos ao longo da vida, acaba aplicando-os para a sua própria vivência individual, tornando-os profecias autorrealizadoras.

Apesar de distintas entre si, é possível observar elementos comuns a estas hipóteses, em especial no que diz respeito ao poder que esses estereótipos têm sobre seus grupos-alvo, podendo inclusive influenciar no desempenho físico e cognitivo de seus membros. Como exemplo deste impacto, destacamos o estudo de Hess e colaboradores (2003, *apud* BENNETT; GAINES, 2010), em que, antes de se realizar uma série de testes cognitivos com o grupo de estudo, composto por pessoas idosas, estas foram apresentadas a “*primings*” negativos, neutros ou positivos (ou seja, foram apresentados estímulos prévios, como elogios ou deboches, com a expectativa de que estes influenciariam nas respostas ante a estímulos subsequentes, neste caso a bateria de testes). Ao final, foi possível observar que as pessoas idosas submetidas ao “*priming*” negativo e neutro tiveram desempenhos abaixo do esperado, enquanto que aquelas submetidas ao “*priming*” positivo tiveram resultados melhores que o esperado.

A incorporação destes estereótipos negativos também está ligada ao comportamento de isolamento social adotado por diversos idosos (e do sentimento de solidão que os acompanha): por um lado, estes preconceitos fazem com que a pessoa idosa se sinta rejeitada e não querida e, por outro, ao internalizá-los, os indivíduos podem crescer acreditando que a velhice seja um período de maior isolamento e de menor atividade, passando a adotar esta postura quando chegam nela (SHIOVITZ-EZRA; SHEMESH; MCDONNELL/NAUGHTON, 2018).

Desta forma, entender de que maneira esta população percebe e reflete sobre estas representações e estereótipos presentes no cinema é de extrema importância, uma

vez que sua assimilação sem crítica pode trazer uma série de malefícios para sua autoestima e no desempenho de suas atividades diárias.

As Representações Sociais

Quanto a propagação do idadismo e de suas práticas societais, é possível realizar uma análise por meio do conceito das representações sociais de Serge Moscovici. Para o autor (1988, p.214 *apud* HÖIJER, 2011, p.4), entende-se “representação social” como sendo o processo de construção dos conhecimentos pertencentes ao senso comum, ou seja, conhecimentos construídos coletivamente pelos indivíduos e seus grupos sociais, oferecendo-lhes homogeneidade em seus discursos e formas padronizadas de lidar com os diferentes objetos do mundo. Desta forma, as “representações sociais” são elaboradas por meio de dois processos: o primeiro é a “objetivação”, onde conceitos abstratos e desconhecidos são atrelados a um núcleo figurativo, ou seja, a um objeto concreto, mais fácil de ser compreendido pelos membros do grupo; o segundo processo é a “ancoragem”, onde este objeto concreto é então comparado aos conhecimentos e outras representações sociais já existentes, sendo adaptado para se adequar a eles (HÖIJER, 2011).

Uma vez feita esta primeira conceitualização sobre as “representações sociais”, é necessário complementá-la com alguns pontos chaves. Em um primeiro momento, é preciso ter em mente é que o sujeito, mesmo sofrendo pressões da sociedade e cultura em que vive, ainda sim, é visto como um agente ativo na construção e escolha de suas representações sociais, não sendo vítima de um determinismo social (HÖIJER, 2011) - mesmo não as elaborando do zero, ele pode ter um pensamento crítico e reflexivo frente a elas, fazendo com que as representações sociais não sejam elementos neutros mas, sim, intencionais, o sujeito adere a elas, com o intuito de proteger e validar seus valores e interesses (ALEXANDRE, 2001; LUÍNDIA, 2017). Em um segundo momento, um mesmo objeto do mundo pode ser interpretado de diferentes maneiras pelos diferentes grupos sociais, ou seja, isso significa que um mesmo objeto pode abarcar diferentes representações sociais, que muitas vezes são conflitantes entre si (HÖIJER, 2011).

Metodologia

A metodologia foi dividida nas seguintes etapas:

Coleta de dados

O instrumento para a coleta de dados utilizado na pesquisa aqui apresentada foi um questionário *online* disponibilizado via aplicativo *Google Forms*®, que podia ser respondido remotamente e facilmente enviado para outros participantes interessados. Nele constavam:

- 1) perguntas fechadas relativas aos dados sociodemográficos do/a participante (gênero, idade, escolaridade, situação profissional, estado civil, estado, cidade e bairro/zona em que mora);
- 2) quatro perguntas abertas: Nos filmes que você assiste, quais costumam ser as principais características dos homens e mulheres acima de 60

anos? Na história dos filmes, qual é o papel que os demais personagens acham que os idosos devem ocupar na sociedade? O quanto a representação da velhice nos filmes espelha suas próprias experiências com esta etapa da vida? Como você gostaria de ser representada (o) em filmes?

A pesquisa teve como critério de inclusão todas as pessoas com 60 anos ou mais que tivessem interesse em ser participantes da pesquisa.

Estratégia Metodológica

Como estratégia metodológica, foi empregada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), desenvolvida por Lefèvre e Lefèvre (2003, 2014, 2016), que visa contemplar a opinião coletiva, bem como as representações sociais presentes nelas, tanto em sua dimensão quantitativa como na qualitativa.

Sob esta metodologia de pesquisa empírica foram coletados, em um primeiro momento, uma série de depoimentos, por meio do uso de questões abertas que mobilizaram os participantes a expressarem suas opiniões sobre determinadas temáticas/pautas, que foram posteriormente analisados com o auxílio do aplicativo digital Qualiquantisoft. A partir daí, para cada um dos depoimentos obtidos, foram extraídas suas Ideias Centrais (IC) ou suas Ancoragens (AC), assim como suas Expressões-Chaves (ECH).

Por Ideia Central (IC), entende-se como sendo uma palavra, nome ou expressão que captura, da melhor maneira possível, os sentidos por trás daquele depoimento individual; a Ancoragem (AC), assim como as ICs, também possuem a função de apontar certas temáticas nos depoimentos. No entanto, nela o foco é colocado em alguma ideologia/teoria/afirmação que tenha aparecido de maneira explícita no depoimento do indivíduo. Já as Expressões-Chaves (ECH) são trechos destes depoimentos, selecionados pelo pesquisador, que melhor explicitem e exemplifiquem estas ICs e ACs.

Por fim, ao reunir-se ICs, ACs e ECHs com sentidos semelhantes, o pesquisador redigiu discursos sínteses, na primeira pessoa do singular, para cada um destes sentidos identificados na pesquisa, que serão chamados de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Desta forma, ao serem redigidos na primeira pessoa, os DSCs preservam a dimensão individual que caracterizam as opiniões, ao mesmo tempo que a articulam com sua dimensão coletiva, ou seja, mesmo que um dos sujeitos, cujo depoimento compôs um dos discursos-sínteses não o tenha dito com as mesmas palavras, ainda sim seria capaz de reconhecer seu posicionamento nele.

Resultados e Discussão

Trinta e cinco (35) pessoas participaram desta pesquisa, sendo que conforme explicitado, os dados sociodemográficos e suas demais respostas foram coletadas de maneira remota/virtualmente. Entre estes participantes, há uma expressiva presença de mulheres (85,7%) entre 60 e 65 anos (45,6%), com formação completa no ensino superior (48,6%), pós-graduação (45,7%). Um pouco mais da metade das participantes está aposentada (51,4%) e um terço delas se encontram casadas

(34,3%). Uma quantidade significativa das participantes mora no estado de São Paulo (80%), principalmente na capital (42,8%), nas zonas Oeste (25,7%) e Sul (14,2%).

Quadro 1 - *Dados Sociodemográficos - Idade*

Idade	n	%
60	2	5,7
61	2	5,7
62	4	11,4
64	4	11,4
65	4	11,4
66	2	5,7
67	3	8,5
68	3	8,5
69	1	2,9
70	4	11,4
71	2	5,7
72	2	5,7
81	2	5,7

Fonte: Elaborado pelos autores. Valores expressos em média. Valores expressos em n (%)

Quadro 2 - *Dados Sociodemográficos - Gênero, Escolaridade, Situação Profissional, Estado Civil*

Variável	n	%
Gênero		
Feminino	30	85,7
Masculino	5	14,3
Escolaridade		
Ensino Médio (Completo)	2	5,7
Ensino Superior (Completo)	17	48,6
Pós Graduação (Completo)	16	45,7
Situação Profissional		
Trabalhador(a) em tempo integral	10	28,6
Trabalhador(a) em tempo parcial	5	14,3
Trabalhador(a) Informal	1	2,9
Autônomo e trabalho parcial CLT	1	2,9
Aposentado(a)	18	51,4
Estado Civil		
Solteiro(a)	7	20
Casado(a)	12	34,3
Divorciado(a)	6	17,1
Viúvo(a)	6	17,1
Separado(a)	4	11,4

Fonte: Elaborado pelos autores. Valores expressos em média. Valores expressos em n (%)

Quadro 3 - *Dados Sociodemográficos - Onde mora 1* - Quadro 4 - *Dados Sociodemográficos - Onde mora 2*

Lugar onde mora	n	%
Estado		
São Paulo (SP)	28	80
Rio de Janeiro (RJ)	4	11,4
Paraíba (PB)	1	2,9
Pará (PA)	1	2,9
Ceará (CE)	1	2,9
Cidade		
São Paulo (SP)	15	42,8
Vargem Grande Paulista (SP)	5	14,2
Cotia (SP)	3	8,5
Carapicuíba (SP)	5	14,2
Barra Mansa (RJ)	3	8,5
Resende (RJ)	1	2,9
Belém (PA)	1	2,9
Cabedelo (PB)	1	2,9
Fortaleza (CE)	1	2,9

Lugar onde mora	n	%
Bairro/Zona		
São Paulo (Cidade)		
Zona Central	1	2,9
Zona Sul	5	14,2
Zona Oeste	9	25,7
Cotia (SP)		
Caucaia do Alto	1	2,9
Chácara Rincão	1	2,9
Tabuleiro Verde	1	2,9
Carapicuíba (SP)		
Granja Santa Maria	3	8,5
Vila Lisboa	2	5,7
Vargem Grande (SP)		
Los Álamos	4	11,4
Tijuco Preto	1	2,9
Barra Mansa (RJ)		
Jardim Alice	2	5,7
Centro	1	2,9
Resende (RJ)		
Jardim Brasília	1	2,9
Cabedelo (PB)		
Camboinha	1	2,9
Fortaleza (CE)		
José Bonifácio	1	2,9
Belém (PA)		
Parque Verde	1	2,9

Fonte: Elaborado pelos autores. Valores expressos em média. Valores expressos em n (%)

Os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC)

A seguir, serão apresentados os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) que foram elaborados pelo orientando, assim como a frequência com que cada ideia central (IC) surgiu para cada uma das perguntas do questionário:

Pergunta 1: Nos filmes que você assiste, quais costumam ser as principais características dos homens acima de 60 anos?

A: Sabedoria

DSC: “Costumam ser sábios e inteligentes, se tornando conselheiro de todos”

B: Elegância

DSC: “Grisalhos e galãs, costumam ser educados, divertidos e charmosos”

C: Patriarca

DSC: “Pais e avôs de família, sendo fortes, durões e provedores”.

D: Degradação

DSC: “Com cabelos grisalhos e rugas, normalmente são homens aposentados e sedentários, e em alguns casos, podem vir a se perder em vícios e apresentar demência”.

E: Bem Sucedido

DSC: “Possuem boa aparência e são sérios, estando em posições de poder e riqueza, sendo, por exemplo, empresários bem sucedidos”.

F: Ativo

DSC: “Possuem uma postura positiva e ativa, estando em boa saúde e bem humorados”.

G: Solidão

DSC: “São pessoas solitárias, em busca de um objetivo”.

H: Antiquado

DSC: “Em menor número, aparecem como sendo mal humorados, machistas e prepotentes”.

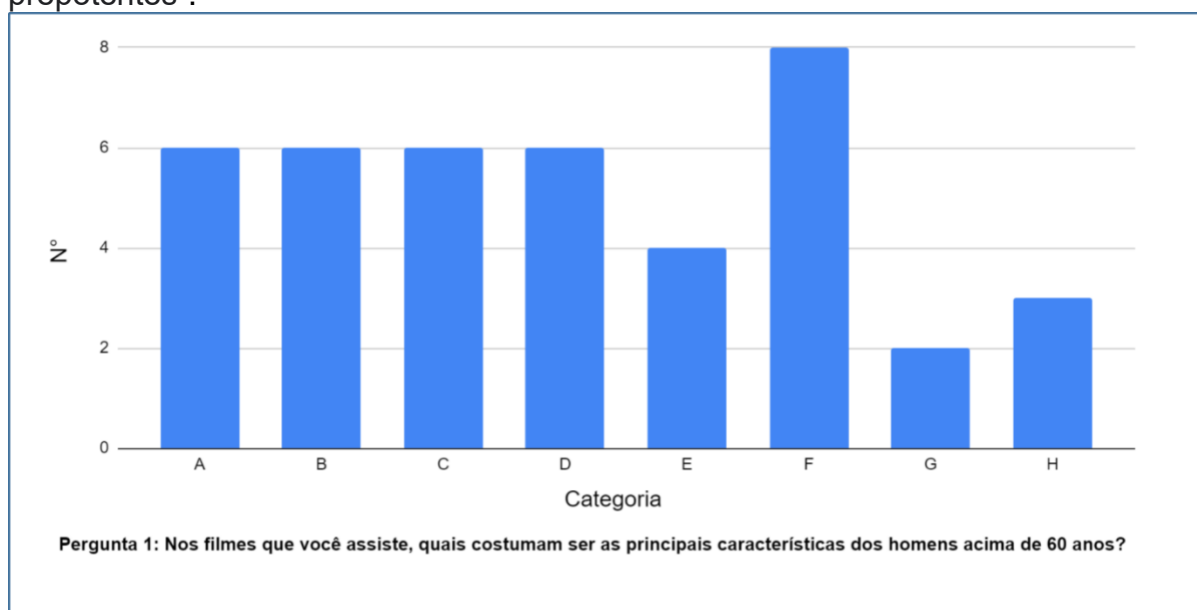


Figura 1. Classificação das respostas da Pergunta 1

Fonte: Elaborado pelos autores

Pergunta 2: Nos filmes que você assiste, quais costumam ser as principais características das mulheres acima de 60 anos?

A: Elegância

DSC: “Possuem boa aparência e são charmosas e elogiosas, podendo ser, por exemplo, socialites”.

B: Sabedoria

DSC: “Inteligentes e sábias, normalmente ficando no papel de conselheiras dos mais jovens da família depois dos 80 anos”.

C: Submissa

DSC: “Submissas, que precisam de um homem para salvá-la”.

D: Maternais

DSC: “Avós e mães de família, podendo ou ser carinhosas e nutridoras, ou dominantes e impositivas”.

E: Degradação

DSC: “Grisalhas e enrugadas, estando vulneráveis a uma série de aflições físicas e mentais”

F: Atividade

DSC: “Ativas e bem cuidadas, podendo desempenhar várias funções”.

G: Solidão

DSC: “Solitárias e entristecidas, como por exemplo viúvas”

H: Bem Sucedida

DSC: “Bem sucedidas e com boa aparência”

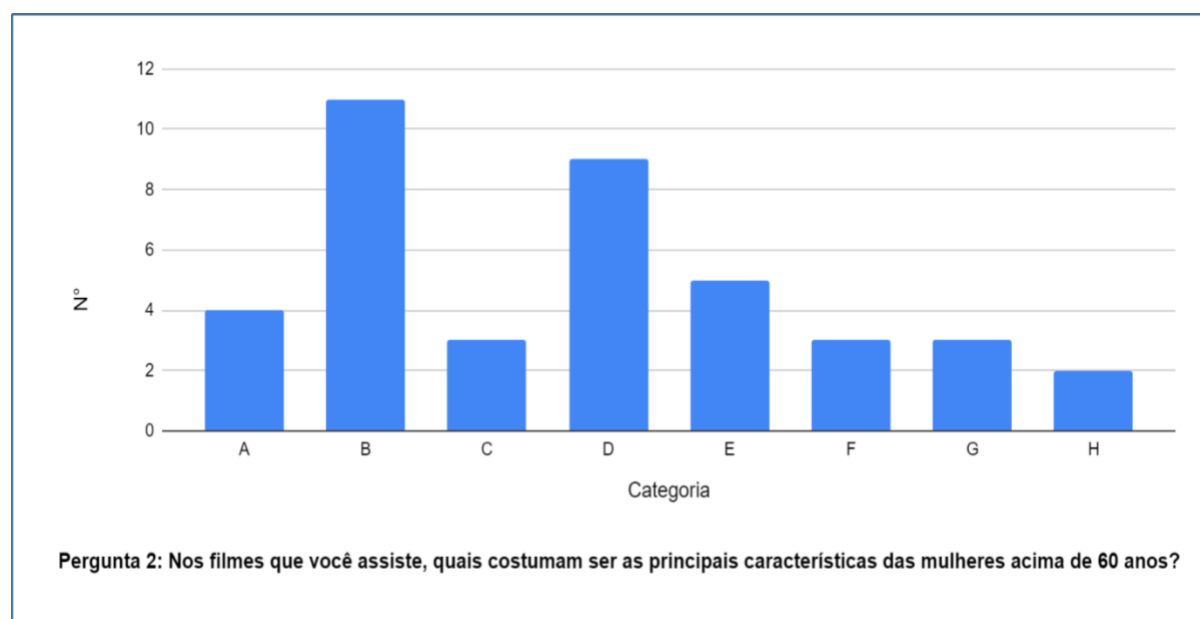


Figura 2. Classificação das respostas da Pergunta 2

Fonte: Elaborado pelos autores

Nas primeira e segunda perguntas do questionário, procurou-se elucidar de que maneira a caracterização da personagem idosa na narrativa cinematográfica chegava para as participantes da pesquisa, ou seja, de que maneira as participantes compreendem e interpretam essas personagens. Além disso, procurou-se entender se há diferenças na forma que estas personagens são apresentadas na narrativa, caso fosse um personagem masculino ou feminino.

Uma vez elaborados e identificados os DSCs e ICs, observa-se caracterizações comuns a ambos personagens masculinos e femininos, como por exemplo “sabedoria”, “atividade”, “paternidade/maternidade” (papéis familiares), “degradação” e “solidão”. No entanto, há algumas diferenças importantes entre ambos.

Observando as respostas referentes às personagens masculinas (Pergunta 1), identifica-se uma distribuição mais equilibrada entre as diferentes categorias, havendo ênfase na caracterização da “atividade” (F = 22,85%). Quanto às respostas relacionadas às personagens femininas (Pergunta 2), estas tiveram uma grande

ênfase na caracterização de “sabedoria” (B = 31,43%) e “maternais” (D = 25,71%), caracterização mais ligadas à passividade em relação às demais categorias. Em especial, chama a atenção a categoria “atividade” nas personagens femininas (F = 8,57%), que se encontra significativamente abaixo de sua contraparte masculina e que será revisitado adiante.

Pergunta 3: Na história dos filmes, qual é o papel que os demais personagens acham que os idosos devem ocupar na sociedade?

A: Experiente

DSC: “Como pessoas experientes, que buscam ser úteis e respeitadas aconselhando os mais jovens”.

B: Bem Sucedido

DSC: “Como pessoas inteligentes e em posição de liderança, podendo ser, por exemplo, donos de empresas e fazendeiros”.

C: Descartável

DSC: “De que sua vez já passou e que já está na sua hora de se retirar. Não tem sua voz ouvida pelos demais e ficam de escanteio, apenas observando o desenrolar da estória. Em muitos casos são abandonados em clínicas para idosos”.

D: Dependente

DSC: “De serem aposentados, normalmente sendo cuidados e dependentes de seus filhos, e em casos mais extremos, submissos a eles”.

E: Provedores

DSC: “Que possuem participação ativa na família, sendo provedores e cuidadores”.

F: Vulneráveis

DSC: “Como pessoas doentes e/ou senis, muito limitadas e fora da realidade”.

G: Realização

DSC: “Que chegou sua hora de se acomodar, de que passou seu tempo de grandes atividades”.

H: Depende do Filme

DSC: “Depende do filme, podendo ou ter um papel de destaque ou serem excluídos”.

I: Cômico

DSC: “Como sendo ridículos”.

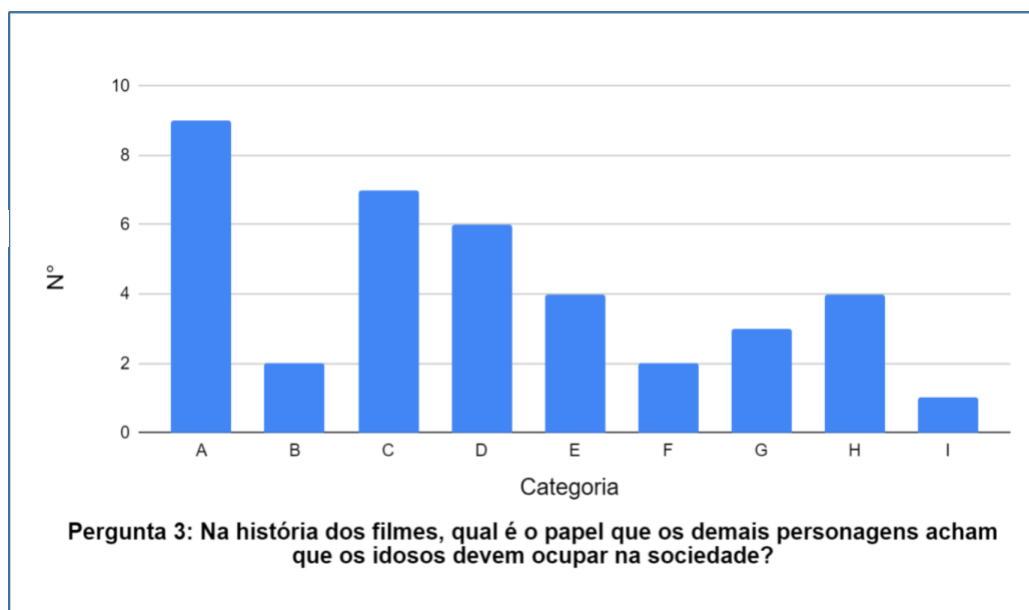


Figura 3. Classificação das respostas da Pergunta 3

Fonte: Elaborado pelos autores

Com a pergunta 3, observa-se uma interessante dualidade identificada pelas participantes no papel ocupacional do idoso apresentado nos filmes. Como apresentado na introdução, existe a percepção do “bom envelhecimento”, ligado a categorias como “experiente” (A = 25,71%) e “provedores” (E = 11,42%), e por outro lado, a do “mal envelhecimento”, ligado a categorias como “descartável” (C = 20%) e “dependente” (D = 17,14%). Ambas as percepções foram identificadas em proporções semelhantes pelas participantes.

Pergunta 4: O quanto a representação da velhice nos filmes espelha suas próprias experiências com esta etapa da vida?

A: Reflete em parte

DSC: “Espelha parcialmente. Entendo que as ‘velhices’ são múltiplas, tanto ao que se refere às diferentes idades, com a forma que as demais pessoas tratam o idoso nos diferentes locais que frequento e nas diferentes vivências, tanto positivas e negativas, presentes nesta fase da vida. Sendo assim, há aquelas representações com quais eu me identifico e vivencio de maneira mais próxima, enquanto outras não.”

B: Reflete muito pouco

DSC: “Reflete muito pouco, pois sempre tento ser proativa em relação aos enredos da minha vida, e nos filmes que assisto a velhice não é representada com a sabedoria e experiência com qual eu associo a esta fase da vida”.

C: Reflete em nada

DSC: “Reflete em nada. Em alguns filmes, consigo apenas ver estas experiências como pura ficção”.

D: Reflete em várias

DSC: “Reflete muito em especial ao que se refere às experiências de isolamento, solidão e incompreensão. Acredito que é importante estar com a 'cabeça boa' para não dar trabalho a ninguém”.



Figura 4. Classificação das respostas da Pergunta 4

Fonte: Elaborado pelos autores

Com a pergunta 4, foi possível identificar que uma parcela significativa (42,85%) das participantes se identifica, ao menos em parte, com as representações presentes nos filmes. Apesar de no geral não refletirem de maneira íntegra com as experiências das participantes (e nas vezes que contemplaram as participantes de maneira mais íntegra, refletiram principalmente as suas experiências negativas e ansiedades futuras, como foi possível identificar na categoria “D”), estas representações da velhice com as quais as participantes se identificam, quando feitas de maneira respeitosa e digna, podem ser muita ricas e proveitosas, validando e legitimando as experiências desta etapa da vida.

Pergunta 5: Como você gostaria de ser representada (o) em filmes

A: Atividade

DSC: “Com uma pessoa que, mesmo com as limitações físicas e mentais da idade, permanece ativa e produtiva em suas diferentes atividades cotidianas, como por exemplo, profissionalmente, socialmente e sexualmente. Para isto, a saúde, experiência e assistência adequada para as dificuldades que surgem com a idade são essenciais.”

B: Gratidão

DSC: “Com uma pessoa alegre e amável, que vive um romance próspero, que ama e é amada pela família e amigos e que procura ser a cada dia uma pessoa melhor e generosa”.

C: Dedicção

DSC: “Com uma mulher de fibra e guerreira, que tem um passado que foi construído com força e inteligência e que, mesmo com dificuldades, consegue alcançar seus objetivos e se tornar realizada, mantendo seu caráter”.

D: Dignidade

DSC: “Com uma pessoa 'do bem', que é valorizada, reconhecida e respeitada pelos demais, e a qual sua presença é marcante e faz falta para os demais personagens quando não está presente”.

E: Sabedoria

DSC: “Com uma pessoa sábia, com diversas experiências e aprendizados proporcionadas ao longo do seu percurso de vida, e que se mostra aberta a trocar experiências com os mais jovens, seja ensinando ou aprendendo”.

F: Não sabe

DSC: “Não tem ideia”.

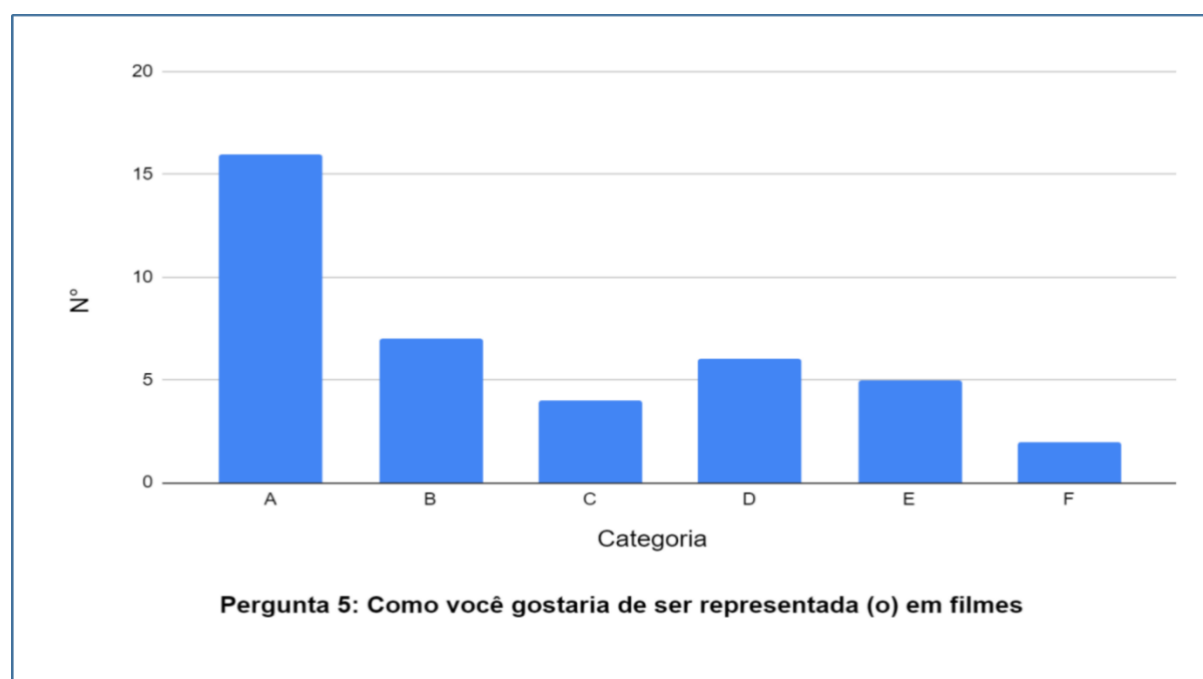


Figura 5. Classificação das respostas da Pergunta 5

Fonte: Elaborado pelos autores

Como identificado nas Pergunta 2, os participantes identificaram uma caracterização das personagens femininas muito mais pautadas em elementos ligados à passividade (“sabedoria” e “maternidade”). Assim, não é de se espantar um desejo por estas participantes em serem representadas nas telas do cinema de forma mais ativa nos mais diversos âmbitos da vida, além de outras caracterizações de cunho positivo e empoderador.

Considerações Finais

O seguinte estudo, por meio da intersecção entre a psicologia social e os estudos de mídia, procurou investigar de que maneira o público de espectadores idosos entende

e interpreta as diferentes representações sociais da velhice presentes no cinema. Por conta do contexto de pandemia em que a pesquisa foi realizada, a coleta de dados teve que ser feita completamente pelo meio digital, sem haver um diálogo direto entre pesquisador e participante, interação que poderia ter tornado as respostas coletadas mais ricas. Ainda sim, a pesquisa trouxe resultados valiosos a serem refletidos e interpretados.

A relação entre o consumo de mídias narrativas (cinema, teatro, novelas, livros) pela população idosa ainda se mostra ser um campo pouco explorado e rico de possibilidades, tanto no que se refere a estudos bibliográficos quanto empíricos. Referente a esta pesquisa, um complemento interessante aos seus resultados poderia ser referente aos hábitos de consumo de filmes destes idosos, ou seja, quais são as principais plataformas que estes idosos tem acesso para assistir estas obras cinematográficas (cinema, televisão, computadores, smartphones) e de que maneira são expostos a estas obras, ou seja, se as consomem de maneira ativa (vão atrás dos filmes que querem ver por meio de serviços de streaming, alugando os filmes ou indo ao cinema) ou de maneira passiva (deixam a programação dos canais de televisão decidirem por eles, ou acompanham os filmes escolhidos por familiares/colegas).

Referências

Alexandre, M. (2001) O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, 6 (17), 111 - 125, Rio de Janeiro/RJ. Recuperado de <https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>.

Bennett, T., & Gaines, J. (2010). Believing what you hear: the impact of aging stereotypes upon the old. *Educational Gerontology*, 36 (5), 435-445. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03601270903212336?journalCode=ue dg20>.

Butler, R. N. (1980). Ageism: A Forward. *Journal of Social Issues*, 36 (2), 8 - 11. Recuperado de <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x>.

Castro, G. G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia*, 31, 79 - 91, São Paulo/SP. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/gal/a/3qwDcNNRVnPyRYWzyXmyQkH/?format=pdf&lang=pt>.

Figueiredo, M. Z. A., Chiari, B. M., & Goulart, B. N. G. (2013). Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrbios da Comunicação*, 25 (1), 129 - 136, São Paulo/SP. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931/111139>.

Gatling, M. C. (2013). *Representation of Age and Ageing in Comedy Film* (Dissertação de doutorado). School of Nursing, Midwifery and Nutrition James Cook University, Queensland/AU. Recuperado de <https://researchonline.jcu.edu.au/39247/1/39247-gatling-2013-thesis.pdf>.

Höijer, B. (2011). Social Representations Theory - A New Theory for Media Research. *Nordicom Reviews*, 32, (2), 3 - 16. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/313252833_Social_Representations_Theory.

Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do Sujeito Coletivo: Representações Sociais e Intervenções Comunicativas. *Texto Contexto Enferm*, 23 (2), 502 - 507, Florianópolis/SC. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/?format=pdf&lang=pt>.

Luíndia, L. E. A. (2017). Cinema, Homossexualismo, Representações Sociais: Universos Simbólico e Ideológico do Filme "Tatuagem" (Hilton Lacerda - 2013, Brasil). *Revista Livre de Cinema*, 4 (2), 69 - 96. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/316427739_CINEMA_HOMOSSEXUALISMO_REPRESENTACOES_SOCIAIS_UNIVERSOS_SIMBOLICO_E_IDEOLOGICO_DO_FILME_TATUAGEM_HILTON_LACERDA-2013_BRASIL_1.

Mendonça, M. C., & Castro, G. G. S. (2016). Envelhecimento, idadismo e a invisibilidade dos idosos na mídia - entrevista com Laura Hurd Clarke. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 13 (38), 151 - 155, São Paulo/SP. Recuperado de <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1173/pdf>.

Milner, C., Norman, K. V., & Milner, J. (2012). The Media's Portrayal of Ageing. In: Beard, J., Biggs, S., Bloom, D. E., Fried, L. P., Hogan, P. R., Kalache, A., & Olshansky, S. J. *Global Population Aging: Peril or Promise?* (pp. 25 - 28). World Economic Forum. Recuperado de https://www3.weforum.org/docs/WEF_GAC_GlobalPopulationAgeing_Report_2012.pdf.

Robinson, T., Callister, M., Magoffin, D., & Moore, J. (2007). The portrayal of older characters in Disney animated films. *Journal of Aging Studies*, 21 (3), 203 - 213. Recuperado de [https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0890406507000047#:~:text=The%20average%20number%20of%20older,was%20made%20\(Snow%20White\)](https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0890406507000047#:~:text=The%20average%20number%20of%20older,was%20made%20(Snow%20White)).

Rozendo, A. S. (2016). Ageísmo: um estudo com grupos de Terceira Idade. *Revista Kairós: Gerontologia*, 24 (1), 79 - 89, São Paulo/SP. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/31558/22007>.

Santana, C. S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre as mudanças ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós: Gerontologia*, 16 (1), 93 - 116, São Paulo/SP. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343/15100>.

Shiovitz-Ezra, S., Shemesh, J., & McDonnell/Naughton, M. (2018). Pathways from Ageism to Loneliness. In: Ayalon, L., Tesch-Romer, C. (Eds). *Contemporary Perspectives on Ageism* (pp. 131 - 147). International Perspectives on Aging. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/325291452_Pathways_from_Ageism_to_Loneliness.

Sousa, A. C. S. N., Lodovici, F. M. M., Silveira, N. D. R., & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo a sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19 (3), 853 - 877, Porto Alegre, RS. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/50435/33290>.

Umphrey, D., & Robinson, T. (2007). Negative stereotypes underlying other-person perceptions of the elderly. *Educational Gerontology*, 33 (4), 309 - 326. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03601270701198885?journalCode=ue dg20>.

Data de recebimento: 22/07/2022; Data de aceite: 20/09/2022

Pedro Cella Kurobe – Psicólogo pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esta pesquisa é resultado do trabalho de Iniciação Científica realizada pela PUC-SP em 2021-2022 sob orientação da profa. Dra. Beltrina Côrte. E-mail: peterkurobe@gmail.com

Beltrina Côrte - Doutorado e pós.doc em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. CEO do Portal do Envelhecimento. E-mail: beltrina@pucsp.br